



## SUMÁRIO



- I. Como um Marinheiro no Oceano... ♦ 9
  - II. A Feliz Incompletude ♦ 35
  - III. A Dobra Prodígiosa ♦ 51
  - IV. O Lugar dos Liames ♦ 75
    - v. Latitudes ♦ 99
  - VI. Planetoteca ♦ 113
- VII. Encontrou o que Procurava? ♦ 125



**A** figura do sábio doido opõe-se a do bibliotecário sábio. Por que seria sábio o bibliotecário? Por saber que jamais será sábio, pois, ao abrir um livro, todos os demais permanecerão fechados e ele, bibliotecário, sabe que jamais conseguirá abrir todos os livros. O bibliotecário ama os livros como o marinheiro ama o mar. Não é necessariamente exímio nadador, mas sabe navegar e sabe também que não é a nado que se alcançam as maiores distâncias. O oceano do conhecimento que inebria todos os sábios torna o bibliotecário modesto.

O grande leitor, como deveria ser todo sábio, é a pessoa que lê ao longo da vida no mínimo dez mil livros; dois ou três mil, em se tratando

de leitores “mais informados”, aqueles que leem um livro por semana durante cinquenta anos. A produção editorial francesa é de quarenta mil títulos anuais, ou seja, o equivalente a dois milhões no período em que lemos dez mil: 0,5%. Os ingleses publicam cem mil por ano; os espanhóis, cinquenta mil. Digamos, assim, que perto de um milhão de títulos surgem a cada ano no mundo. Mesmo que excluamos desse número as reimpressões, as reedições, as plaquetas de menos de 48 páginas, não mudaremos a relação irrisória de nossas leituras com o conhecimento propalado por nossos contemporâneos. Cabe ainda acrescentar outro milhão de títulos de periódicos existentes no mundo hoje.

O bibliotecário não pode ignorar tal desproporção: mais que vê-la, ele a vive no dia a dia. Esse fluxo permanente de conhecimento publicado, ele o enfrenta corajosamente, agarra-o, engalfinha-se com ele; detém-no, muda-lhe o rumo, direciona-o, filtra-o a fim de distribuí-lo ao leitor sedento de conhecimento palatável.

A biblioteca é o lugar indispensável da vida onde o conhecimento decanta. Observe-se como esse oceano furioso se acalma na biblioteca! Claro que isso não afina com os interesses dos editores, que gostariam de ver sua produção fluir cada vez mais célere e mais abundante, e encaram as bibliotecas como concorrentes desleais, servindo aos leitores livros que não geram nenhuma cifra de negócios, e alguns dos quais às vezes sequer são comercializados.

Não reavivemos, porém, a pendência entre os bibliotecários e os editores, que o governo tão habilmente tem apaziguado. Digamos apenas que os direitos legítimos devidos pelos bibliotecários aos editores precisariam vir acompanhados de um imposto sobre o acúmulo e a conservação de conhecimento, que os editores depositariam aos bibliotecários. Impõe-se reconhecer que entre eles não existe mais que uma troca de respeito mútuo.

Com certeza nem todos os livros são feitos para serem lidos da primeira à última página, nem é necessário fazer como o antigo diretor de uma grande biblioteca que respondeu à co-

missão de leitores que reclamava da limitação de retirada de apenas dez volumes por dia: “Vocês não estão querendo fazer-me acreditar que leem dez volumes por dia!” A maior parte das obras são apenas consultadas, folheadas e, até, em casa, olhadas.

A bem dizer, a biblioteca não está na linha da leitura individual. Para alcançar seu ponto crítico, é preciso que a biblioteca tenha incontáveis leitores e muitos outros usos além da simples leitura. A biblioteca existe apenas para a comunidade.

Entretanto, são muitas e consideráveis as bibliotecas particulares. Somos todos um pouco nossos próprios bibliotecários, desde que arrumamos, guardamos, olhamos alguns volumes em qualquer prateleira. Muitos se orgulham de possuir livros. A biblioteca particular, quando excede às necessidades de seu dono, é sinal de ostentação de riqueza espiritual ou de êxito social. A biblioteca de Aragon e Elsa Triolet – hoje em seu moinho de Saint-Arnoult-en-Yvelines – conta trinta e cinco mil volumes, raramente virgens de pelo menos uma consulta, mas que aci-

ma de tudo testemunham o entrelaçamento de amizades e de influência que compuseram o lar. Dizia Jean-Paul Sartre que o livro que ficasse mais de três semanas sobre a escrivaninha sem ser aberto deveria ser considerado como lido.

Um bibliófilo latino poderia orgulhar-se de possuir uma centena de livros, parecendo justo duvidar que ele os tivesse lido todos. Essa foi também a opinião do carregador ao transportar minhas caixas até o segundo andar. Dom Diego de Miranda diz a D. Quixote: “Sou pouco mais do que mediocrementemente rico... Ademais, tenho até seis dúzias de livros, uns romances, em língua vulgar e outros em latim”. A biblioteca de Aristóteles era já uma instituição, cuja ideia foi ao menos transmitida a Demétrio de Faleron, fundador da Biblioteca de Alexandria, rica de quatro a quinhentos mil rolos, sendo parte acessível a todos. Na época de Cícero, seu amigo Ático já franqueava a sua coleção ao público. No século IV, havia vinte e quatro bibliotecas públicas em Roma. O Palácio da Sabedoria em Bagdá e a biblioteca dos califas de Córdoba, no século VIII, regurgitavam